

Édipo Rei

Sófocles

Lógica

Sófocles, poeta grego realista, crê no homem que assume as possibilidades humanas. No mito Édipo Rei, o "herói" da trama não é idealizado; possui seus momentos de glória e alegria, embora, em seguida, sofra e tenha desilusões como qualquer outro mortal. Com o intuito de não ser utópico, Sófocles, ao desenrolar a trama, propõe a Édipo uma tragédia extraordinária, partindo do pressuposto de que a vida é feita de perdas e ganhos. Édipo, até descobrir sua verdadeira origem, só havia tido realizações satisfatórias, infância sem necessidades e sem tristezas. Entretanto, não existe ninguém feliz a vida toda, e por isso a presença da tragédia, aproximando o "herói" dos homens mortais.

Esse conceito realista do poeta também envolve a justiça de Édipo, considerado por muitos um rei extremamente justo. Nota-se, no entanto, que Édipo, ao assumir o poder, antes tido por seu pai biológico (Laio), assume um papel de ditador, julgando e condenando pessoas sem provas concretas e, desta forma, sobressaindo-se sobre o povo. Vale ressaltar que a política da Grécia nessa época era bastante clara, a ponto de não haver segredo de estado, fazendo com que o povo tivesse consciência de todos os feitos do rei. Édipo não fora diferente. Porém, ao começar a investigar a morte de Laio, devido à peste que assolava Tebas, ele, aos poucos, foi percebendo as semelhanças de sua história (havia matado um homem numa disputa de passagem e tinha conhecimento do Oráculo) com a que relatavam a respeito do assassinato de Laio. Édipo sentiu-se angustiado ao perceber que metade de seu destino já poderia estar cumprido (matar o próprio pai e casar-se com a mãe). Ele, contudo, mesmo com desconfianças, continuou

com as investigações até o final, assumindo posteriormente seus erros, ainda que tenham sido cometidos inconscientemente.

Percebe-se, neste contexto, a quebra da ética política e moral quando Édipo, devido a angústias pessoais de ser o possível assassino de um rei, julga Creonte e Tirésias com o desejo inconsciente de projetar sua culpa nessas duas pessoas, além de ir de encontro ao sistema político aberto da época. Porém, ao tomar consciência dos seus atos, ele se pune, voltando a ser um homem justo, e não mais um rei justo, por promover inquietação na estabilidade do povo. Segundo Catherine Darbo-Peschanski [in *Humanidade e Justiça na Historiografia Grega (V-I a.C.)*, 1999, p. 38], a estabilidade que constitui a ordem no mundo chama-se também justiça ou justo. Por isso, Édipo quebra a ética política desequilibrando a estabilidade do povo tebano.

A história de Édipo Rei é marcada pelo parricídio e pelo incesto. Mesmo involuntariamente, ele mata o próprio pai e casa-se com Jocasta, sua mãe. Esse acontecimento é condenável, segundo o padrão social. Daí evidencia-se a quebra da ética pessoal.

Édipo tem, como marca incessante, a cegueira na sua vida. Até o momento da autêntica identidade, ele vivia num mundo aparente, de relações falsas, adotando verdades equivocadas e enganadoras. Ao ser revelada sua autognose, Édipo encontra, como punição, a cegueira, desta vez de forma física, furando os olhos para amenizar o tormento.

Questiona-se, ainda, se a culpa de Édipo é moral ou hereditária. Édipo teria sido vítima de um destino violento, ao passo que seu pai, amaldiçoado por Pélope (Laio em sua juventude envolveu-se numa paixão com Crísipo, filho de Pélope), teria sofrido as conseqüências? Ou Édipo, por um desejo inconsciente - casar-se com sua mãe e matar seu próprio pai -, foi movido a infringir os padrões estabelecidos socialmente? E movido por esses questionamentos, será que o sofrimento de Édipo foi justo? Seguindo o

primeiro raciocínio, ele foi vítima, então não teve culpa, e o segundo coloca Édipo numa situação mais conflitante, pois este paga por atitudes não conscientes.

Nexo

Humanidade e justiça na Grécia antiga

Preliminarmente, há que se comentar o trabalho de Catherine Darbo-Peschanski [in Humanidade e Justiça na Historiografia Grega (V-I a.C.), 1999, pp. 35/55], que, apoiando seu discurso em vários historiadores antigos – de Heródoto a Dionísio de Halicarnasso –, mostra a relação do conceito de justiça com as oscilações da definição do ser humano, dada pelos historiadores gregos no intuito de se criar uma ética, considerada ponto de reflexão da conduta dos protagonistas descritos em suas obras. O texto cita o sistema de Aristóteles (in Política I, 1253 a 29), onde a ética está subordinada à política, e esta tem como finalidade o bem humano, classificando-se os seres em:

- homens (vinculados a uma comunidade);
- deuses (bastam-se a si mesmos e não precisam se inserir na comunidade);
- animais (incapazes de fazer parte de uma comunidade).

A concepção fundamental da ordem do mundo é sinônimo de estabilidade, também chamada de justiça; entendida aqui não como uma partilha estritamente igualitária dos bens, poderes e condições, mas antes como mecanismo de manutenção de um estado de equilíbrio onde cada um e cada coisa têm um lugar próprio, qualquer que seja. Por outro lado, aquilo que muda evolui, aparenta-se fundamentalmente à injustiça.

Em relação à ordem do mundo, nas suas várias apresentações, tem-se ainda a guerra como fator ambivalente. De um lado, ela subverte a ordem, criando a injustiça; de outro,

une-se intimamente com a justiça, restabelecendo a ordem perdida. Da análise dessa concepção de mundo depreende-se uma ética relacionada à ação de guerra e ao comando político-militar.

Ademais, ao somar-se com as considerações anteriores, o modo de definir a natureza humana obstaculiza a reflexão ética nesse trecho da historiografia grega. Ao invés de ética, há um jogo de evicções onde o homem de ação má deixa de ser homem e aquele de ação boa também não o é inteiramente. Humanidade, justiça, política e guerra, portanto, caracterizam e limitam a ética.

Édipo, no campo da ética, insere-se no contexto da época em que foi escrita a tragédia por Sófocles sob sua vertente: ele pensa nas questões humanas, e seu herói é aquele homem forte, que se confronta entre a vontade e o destino, buscando razões, tentando entender a realidade para entender a si mesmo. A punição é oriunda da própria consciência do herói, não lhe sendo imposta de fora para dentro, isto é, do ambiente social, da moralidade, da lei para o sujeito.

Édipo Rei mostra: o governante em relação com seu povo, que é atingido diretamente pela ação do chefe; a relação com a divindade (consulta aos oráculos; realização da vontade dos deuses); e, sobretudo, o conceito de justiça do herói, que, apesar de investido de poder e orientado pelos deuses, é humano e, portanto, está submetido à sua consciência.

Humanidade e civilidade

Outra abordagem importante de ser analisada é aquela feita por MENEZES, J.E.X. (in Exercícios Inaugurais da Renúncia, 2000, pp.222-236). O autor trabalha a questão do processo de humanização do homem, o que primeiramente significa conter a força primitiva do desejo.

Ao desejo individual opõe-se um outro desejo individual. Para o primitivo, a primeira investida no estabelecimento da civilidade foi exatamente o domínio de si, com o objetivo de permitir a realização do desejo através de sua atenuação.

Mas outra realidade aqui se evidencia: a do domínio do mundo, que, como o psiquismo, é movido por forças violentas e requer um controle mínimo essencial para a sobrevivência do indivíduo. Tal problema denota a fragilidade do ser humano, que, considerado como ser de desejo, onipotente e narcisista, vê-se ameaçado pelas forças da natureza. Para explicar o que sente esse homem Freud apóia-se em quatro âncoras:

- dependência do outro;
- dependência da lei, cujo entendimento, do ponto de vista psíquico, é corroborado por Édipo, cuja dependência recorre à representação paterna como limitadora do desejo;
- dependência religiosa;
- reconhecimento da fragilidade e resignação: para Freud, maturação da humanidade.

O animismo, primeiro esforço de domínio exterior, entendido como uma espiritualização do universo, chega a ser visto por Freud como o sistema mais exaustivo de compreensão de mundo. Isso significa um salto qualitativo enorme do homem primitivo, ao reconhecer sua incapacidade de controle sobre a natureza, transferindo-a aos espíritos/deuses, com quem se identifica e através de quem se realiza, ou seja, na falta de um poder-domínio, este é substituído pela defesa.

A magia foi, assim, um instrumento sutil de domínio, exercendo controle sobre o mundo de forma pragmática, quer seja considerando a Physis como extensão do psiquismo, quer seja apoiado na crença de obtenção de poderes pela manipulação de um Deus. Nesse

contexto, o psiquismo age criando um nexos de afinidade entre representante e representado. MENEZES (idem) afirma:

“O que efetivamente se consegue com a magia? Um controle sobre o pensar. Mas pensar, por definição (em psicanálise), é realizar desejo. Portanto, a magia exerce um controle sobre o desejo, subsumindo essa estratégia na simulação de controle sobre as coisas, sobre o mundo, sobre os homens.”

O interessante é que a magia representa a reação do homem diante do conflito entre desejo e realidade ao contemplar esta última, significando colocar limite ao desejo. Fazendo uma conexão com o Complexo de Édipo, MENEZES (ibidem) diz:

“Desejo que se destaca também na infância, em particular mediante o mecanismo psíquico da alucinação. Se colarmos essa forma primária de realização de desejo aos sentimentos implicados no complexo de Édipo, veremos que a magia põe em ação no mundo dos adultos primitivos aquilo que fica somente no nível da representação para as crianças.”

Desse modo, o pensar assume um papel mágico, permitindo a realização do desejo, ainda que de forma limitada. Nas neuroses, essa é uma medida de defesa anímica, dado que sua sintomatologia nasce da oposição ao seu caráter sexual, fundamento metapsicológico primordial: o sujeito desejante reage à proibição imperiosa de realização de seu desejo através do sintoma.

“E nos desejos imperativos se registra a primazia da sexualidade: não cometer o incesto, não matar. Esta última, mesmo sendo uma proibição mais ligada à consciência e, portanto, muito mais referente à sociabilidade, mantém com a sexualidade um estreito vínculo. Em Édipo esse elemento é identificável: não matar o pai, arquétipo da ordem desiderativa.”

A teoria sexual oferece como elementos para o entendimento da onipotência do pensar plenamente sexualizado:

1. auto-erotismo e narcisismo, respectivamente; expressão primária do desejo no próprio corpo e no próprio pensar;
2. Eleição de objeto, ou seja, a busca de um substituto para o objeto do desejo primordial.

Contudo, embora a magia seja um mecanismo de mediação do homem frente à realidade, o sistema animista não extingue o conflito humano, uma vez que a morte ainda se impõe. Daí, urge a necessidade da renúncia quanto à onipotência, mecanismo realizado por meio da transferência do poder-domínio aos deuses e demônios, passando-se do estado mágico para o religioso da civilização.

O homem, no curso de sua história, sofreu dois grandes golpes, reforçados pela Ciência: o da descoberta de que a Terra não era o centro do universo, mas parte dele (Copérnico), e o de que ele não era superior na cadeia evolutiva (Darwin) (pensamento...). Aliado a isso é que se tem o salto qualitativo do primitivo, onde se encontra a chave da questão: domínio de si e do mundo X ser dominado (submissão à cultura). A cultura, então, na visão de Freud, “só se torna realidade se, e somente se, os indivíduos aprenderem a renunciar, o que implica um lento e sofrido aprendizado no declínio da onipotência e do narcisismo”.

Édipo exemplifica bem essa questão. São duas as suas conquistas: no campo social, o trono de Tebas; no campo espiritual, a conquista de si mesmo, ao se confrontar com sua realidade e escolher a punição, admitindo seu crime, expressão de seu desejo. Pai e mãe são a expressão e o limite do desejo do filho.

Sófocles e Édipo

As tragédias escritas por Sófocles não tratavam dos problemas abstratos da culpa e do castigo através de várias gerações, como no caso de Édipo. Referiam-se a uma luta específica de um indivíduo forte contra seu destino. “Nem aceita cegamente a força do destino, nem dá de ombros a ela.” (MENEZES, J.E.X, in Complexo de Édipo: versão psicológica do mito, 2002).

O enredo básico do autor geralmente tem como protagonistas personagens grandiosos, os quais escolhem um caminho que pode ser desaprovado pelo coro e /ou pelos coadjuvantes. Tal caminho custa-lhes sofrimento, podendo levar-lhes à morte. Todavia, ao passar por essa provação, a alma do herói enobrece, trazendo benefícios à humanidade. Sófocles não criava personagens comuns com o propósito de criticar a moral convencional, como fazia Eurípedes.

A história de Édipo é exemplo de uma das temáticas abordadas por Sófocles: o confronto travado entre os jovens e seus pais. No caso do mito, há uma disputa inconsciente entre Édipo e Laio, sendo o primeiro vitorioso e tendo como recompensa o poder do rei e a mão da rainha e mãe Jocasta.

Na biografia de Sófocles existem relatos de que seu filho Iofonte tentou retirar seu direito de administrar os próprios bens, pois o achava velho e incapaz. Sófocles, no entanto, ganhou a causa utilizando a característica que ele próprio atribuiu a Édipo, um homem que tentou fugir do seu destino, mas quando surgiram os problemas bravamente os enfrentou. Nota-se aqui o conflito entre pai e filho.

Mito e Complexo

Segundo Émile Durkheim, sociólogo francês que desenvolveu várias teorias sobre o que pensava ser o significado real do mito, os deuses e heróis eram, em sua maioria, representações coletivas dos valores da sociedade, ou seja, essas representações determinavam a forma de agir e de pensar do ser humano na sociedade.

Já para Jung, psicanalista suíço, todas as pessoas têm um inconsciente pessoal e um coletivo, sendo que o pessoal é formado por suas experiências de vida e o inconsciente coletivo é herdado e compartilhado por todos os membros de sua raça. Segundo ele, o inconsciente coletivo é organizado em símbolos e modelos básicos chamados arquétipos. Esses arquétipos seriam originados nos primeiros dias da existência humana, daí a importância de um estudo dos mitos e de outros arquétipos para a compreensão do perfil psicológico de toda a humanidade.

Quanto à relação entre o mito e o complexo de Édipo, ou seja, para Freud, o que dizer, então? Não há necessidade de descrever aqui a trama em si, mas de que modo Édipo constitui um dado metapsicológico e seu significado.

Sigmund Freud, ao transformar o mito em processo psíquico, oferece um grande salto à Psicologia, a qual, até então, trabalhava o consciente. Ele foi o criador da Psicanálise, inicialmente uma doutrina para o tratamento dos distúrbios mentais, e que pode ser definida como a ciência do processo mental inconsciente. Com isso, pretendia Freud explicar o lado obscuro, sombrio e profundo do comportamento humano.

Médico austríaco, Freud utilizou-se do mito para sistematizar fenômenos observados em sua clínica, sendo Édipo o elemento substancial para a compreensão do psiquismo, base da teoria psicanalítica. MENEZES, J.E.X. (in Complexo de Édipo: versão psicológica do mito, 2002) expõe que Édipo: 1. catalisa uma triangularidade; 2. Está sob tensão entre dois objetos de amor e ódio (pai e mãe); 3. É o expoente da estruturação psicofamiliar.

Devido à cultura, uma maior repressão recai sobre os instintos sexuais. Todavia, e paradoxalmente, é exatamente aí que o mecanismo da repressão é mais falho, possibilitando o surgimento das neuroses. Isso faz ruir a crença de que a vida sexual do ser humano se inicia na puberdade: são notórios os sinais da sexualidade observados desde o início da vida extra-uterina, constituindo a libido.

Do nascimento à puberdade, a libido apresenta estágios de diferenciação sexual, do quais destaca-se aqui o “período edípiano”, assim descrito:

“...fixação libidinal passageira entre os 4 e 5 anos, também conhecida como “complexo de Édipo”, pelo qual a libido, já dirigida aos objetos do mundo exterior, fixa sua atenção no genitor do sexo oposto, num sentido evidentemente incestuoso.”

Daí a importância das experiências da infância na formação do indivíduo, que, juntamente com a constituição sexual a ele inerente, formará o seu caráter. As fixações infantis da libido respondem pelas formas de neurose que poderão manifestar-se mais tarde, ou seja, as neuroses traduzem inibições no desenvolvimento da libido. Aproveitando Édipo, pode-se dizer que o modo infantil de lidar com a aplicação dos afetos às representações parentais é determinante para a neurose na vida adulta.

Então, para Freud, ocorre um conflito entre filho e pai que transcende a configuração da rivalidade no âmago da situação triangular básica para projetar-se como imagem prototípica do conflito entre gerações, eternizada pela compulsão à repetição geracional, da seqüência histórica familiar, numa tentativa de retorno da condição de fusão com o primeiro objeto de amor, a mãe.

Desejo e dever

Traçando-se um paralelo com o já descrito anteriormente, tem-se que são duas as conquistas de Édipo: uma social, representada pelo trono de Tebas, e outra espiritual, que é a conquista de si mesmo. Vê-se retratada a questão da humanidade do homem: a renúncia de seu desejo frente à imposição da realidade. Em outras palavras, ao renunciar ao amor de Jocasta, sua mãe, e ao se infringir de culpa pela morte de Laio, seu pai, Édipo renuncia ao incesto e à deliberação de tomada do poder, de derrota daquele que lhe impõe limites. A lei existe, pois, pelo que a antecede, quer dizer, o desejo, ponto zero do processo. Assim: tendência ao incesto – pulsão incestuosa – proibição do incesto.

Jocasta e Laios são pólos definidores da identidade de Édipo: ela, representando seu desejo incestuoso; ele, como limitação para a realização do desejo (proibição/lei), enquanto instaurador da ordem social.

Todavia, o ser humano, embora ser desejante, não é somente desejo. É desejo e dever. Daí que, para tornar possível a civilidade, ele limita seu desejo diante da imposição da realidade (cultura), “o desejo nasce já interdito, se queremos garantir o convívio humano” [MENEZES, J.E.X. (in Complexo de Édipo: versão psicológica do mito, 2002)].

Freud já dizia não haver diferença estrutural entre a patologia e a normalidade, e, ainda, que a estrutura psíquica seria invariante (texto). “Os neuróticos adoecem por causa dos mesmos complexos contra os quais nós, os sãos, também lutamos.” (pensamento...)

Assim, se para Édipo o desfecho foi a tragédia, para nós, que atenuamos nossos desejos edípicos, resta a psicose, retrato da sublimação do desejo.

E a Psi com isso?

Édipo Rei é uma trama de cunho dramático, escrita por Sófocles[1], que mostra a problemática de um homem que transgrediu as leis da conduta humana mesmo que involuntariamente, matando seu pai e casando-se com sua própria mãe.

Ao descobrir tal façanha, Édipo mostra resistência em aceitar a verdade dita pelo velho sábio Tirésias, de que ele haveria matado seu pai e desposado sua mãe; pode-se assim fazer uma correlação com o homem que tem ânsia na busca da verdade, mas, ao encontrá-la, age de forma a tentar escondê-la ou mesmo afastar-se dela. Segundo Michel Foucault, “Édipo Rei não se refere apenas a um drama familiar”, pois este trata também de política, e não somente de um contexto familiar de abordagem dramática[2].

Certo de seus males, Édipo tenta sacrificar-se para que seus infortúnios pudessem ser purificados. Porém, a morte era pouco para pagar os seus pecados. Portanto, furou os próprios olhos para que ficasse cego e impossibilitado de ver as coisas do mundo, como uma espécie de refúgio, pois, como diz Sófocles: “Só o sofrimento dá ao homem a verdadeira energia da alma”, ou seja, só através do sofrimento, da dor, o homem purifica sua alma. O sofrimento de Édipo seria definido pela palavra páthos, ou seja, o padecer que se anuncia como lei da condição mortal. Páthos é o que se sofre, o sofrimento, mas também a experiência, que, para os humanos, se adquire somente na dor.

O estudo específico do mito, suscitou inúmeras interpretações ao longo dos 25 séculos de existência da peça. Dentre todas as teorias, a mais conhecida é a formulada por Freud[3] para embasar sua interpretação a respeito da sexualidade infantil. De acordo com o pai da Psicanálise, toda criança por volta dos 4 anos de idade desenvolve uma ligação libidínica com o genitor do sexo oposto e o desejo de manipular o seu afeto. Como fruto dessa ligação surgiria uma disputa ou relação conflituosa entre a criança e o genitor do mesmo sexo.

O indivíduo, como sujeito vivente, diz Freud, somente existe a partir da sua experiência sobre o que denominou Complexo de Édipo. A forma com que ocorre em cada um a passagem por essa crise determinaria, em grande parte, o comportamento das pessoas, uma vez que as castrações sofridas se refletiriam nas atitudes emocionais da vida adulta.

Segundo a interpretação psicanalista mais recente, essa teoria freudiana configura um processo de triangulação entre pai, mãe e filho. No mito, Édipo está sob tensão entre dois objetos, de amor e ódio, representados por Jocasta e Laio. O molde dessa estrutura psíquica sintetizaria a própria estrutura familiar.

Apesar da memória mais arcaica do sujeito, o inconsciente, não ser fidedigna ao mundo atual, Freud a considerava de suma importância, pois dela capturar-se-ia a matéria-prima com a qual se constituiria sua ordem. Freud acreditava que a organização dos elementos constitutivos da memória ocorreria ao arbítrio do próprio sujeito, que os “arquivaria”,

seguindo um critério subjetivo. Mas do que isso, o sujeito humano procederia com a fertilização, a modificação, o acréscimo, a transformação e a recriação dos objetos que foram capturados pela memória. Ele finalmente afirma que o fenômeno do “apaixonamento” da criança pelos pais é universal, ocorrendo sem período pré-determinado para cada pessoa.

O ser vivo é um sujeito de desejos, nasce cheio de emoções, mas estas devem ser domadas quando entram em contradição com o princípio do dever.

A figura paterna normalmente representa a proibição e dita as regras do comportamento do indivíduo. Já a mãe representa a concretização de um desejo.

No mito, Édipo envolve-se com sua mãe biológica, embora toda a sua infância tenha sido acompanhada por sua mãe adotiva. Então, resta-nos uma pergunta: Por que o sentimento de posse não se volta para a mãe adotiva? Portanto, a história de Édipo Rei não segue ao pé da letra a teoria freudiana. Na realidade ela serviu de sustentáculo para a teoria psicanalítica, ou seja, o Édipo descrito por Sófocles é diferente do Édipo freudiano. Freud apenas usou a história do mito grego para sistematizar todas as experiências descritas por seus pacientes em seu consultório.

Isto pode ser comprovado pelos seguintes fatos: 1) Sófocles, ao escrever Édipo Rei, estabelece uma relação inicial para Édipo e Jocasta igual à relação entre um jogador e sua premiação, visto que Jocasta foi dada a ele, juntamente com o trono de Tebas, após ter desvendado o enigma da Esfinge. 2) Não houve relação maternal e paternal sólida entre Jocasta, Laio e Édipo capaz de despertar neste o Complexo de Édipo (amor/ódio) em virtude de sua precoce separação. Se houvesse um Complexo de Édipo deveria ter sido em relação a seus pais adotivos. 3) Houve inversão na ordem dos acontecimentos quando comparada à teoria psicanalítica de Freud, pois no fenômeno edipiano o ódio que a criança sente pelo pai é posterior ao amor que a mesma sente pela mãe, verificando-se o inverso no texto de Sófocles. 4) O contexto da época de Freud pode ter sido um fator determinante para a busca desse mito.

Mas as implicações psicológicas do referido mito, obviamente não se esgotam na construção da teoria freudiana. No desenrolar da trama surge uma magnífica expressão de sentimentos e valores que permeavam a conduta da sociedade grega, além de lidar com alguns dos aspectos sombrios da realidade humana. Sófocles enfoca bastante as fantasias, as tristezas, a morte, o suicídio, a culpa, a verdade, enfim, fatores que dão à trama um caráter dramático e, por conseguinte, desperta no leitor emoções fortes, mexendo com seus sentimentos, o que seria de relevante importância para a Psicologia: entender como e por que tais sentimentos ocorrem.

O cumprimento de um destino insuportavelmente cruel suscita medo. A dignidade do herói - que insiste em elucidar um crime - desperta admiração. A coragem de infligir a si mesmo o castigo que aplicaria em outro, se o outro fora culpado, infunde respeito. A constatação da fragilidade humana num universo de deuses poderosos recorda a cada um a precariedade de sua natureza. (CARPEAUX, 1976, p.5)

O processo investigativo de Édipo, em busca da realidade oculta de sua própria existência, representa um dos elementos psicológicos mais ricos presentes na trama. A consciência diante da culpa e a hombridade da autopunição, vividas pela personagem central, são também componentes responsáveis pela grandiosidade da obra.

Por fim, é ainda válido ressaltar que o território dos mitos se abre às mais diversas interpretações. A exploração de seus símbolos dificilmente se esgota, pois é tão dinâmica quanto o funcionamento do psiquismo humano.

[1] “Em Sófocles (496?-406 a.C.), tudo é harmonia, sem que fosse esquecido uma só vez o fundo escuro da nossa existência. Sófocles é humanista. Mas não é um humanismo satisfeito e suficiente, porque o humanismo grego nunca se esquece da precariedade do

mundo, pela possível ira dos deuses, nem da tristeza deste mundo que nos impõe o significado piedoso no fim da tragédia.” (Otto Maria Carpeaux)

[2] A causa do mito ter sido denominado Édipo Rei denota a intenção do autor de classificá-lo fundamentalmente como um drama de caráter político e não exclusivamente familiar.

[3] É possível que Freud tenha montado sua teoria a partir dessa frase de Jocasta: “Melhor ir vivendo a vida... Não tenhas medo da cama de tua mãe. Quantas vezes, em sonho, um dorme com a mãe! É bem mais fácil a vida para quem dessas coisas não cogita.” (Carpeaux, 1976, p.104).

Fragmentos

“Não reputo justo ouvir de estranhas bocas, filhos meus, as ocorrências, e aqui estou, eu mesmo, o renomado Édipo.”

“Se é teu desejo ouvir-me na presença deles, disponho-me a falar. Ou levas-me a palácio?

Quero que fales diante dos tebanos todos; minha alma sofre mais por eles que por mim.”

Característica da Democracia: falar diante de todos, ouvir os filhos de Tebas.

Princípio de Ética: antes de ser indivíduo, deve-se ser cidadão da pólis. Abrir mão dos próprios interesses para o interesse comum.

“Não te igualamos certamente à divindade, nem eu nem os teus filhos que cercamos hoje teu lar, mas te julgamos o melhor dos homens, tanto nas fases de existência boa e plácida

como nos tempos de incomum dificuldade em que somente os deuses podem socorrer-nos.”

Édipo tornou-se um rei adorado por seu povo por livrá-los de terríveis pragas. Seu êxito era comparado ao de um deus. Pergunta-se se Édipo foi vítima do ciúme de um deus ou foi realmente predestinado desde o início a passar por todo aquele sofrimento.

“Os homens também não são deuses em relação à felicidade, à beleza, ao poder e ao conhecimento. Apenas os deuses têm a plena posse desses bens e ameaçam constantemente com sua inveja a parte que cabe aos homens, desde que esta pareça demasiado vasta ou demasiado florescente.” [4]

“Na mitologia grega, existe com freqüência alguma tragédia na vida do herói .(...) O feito do herói, apoiado por um deus, ofende o outro. Sua proeza super-humana faz com que pareça ser divino. Os deuses são notoriamente ciumentos. O herói deve pagar um preço por sua insolência, pois, afinal de contas, é um mortal.”[5]

“Sei bem que todos vós sofreis, mas vos afirmo que o sofrimento vosso não supera o meu. Sofre cada um de vós somente a própria dor; minha alma todavia chora ao mesmo tempo pela cidade, por mim mesmo e por vós todos.”

Édipo é um típico herói de um tragédia antropológica, característica de Sófocles. Édipo é democrático, justo e leal, sofrendo junto com seu povo.

“Em nossa terra, disse o deus: o que se busca encontra-se, mas foge-nos o que deixamos.”

O deus dá a entender que não se deve desesperar. Quem procura a verdade, um dia a encontrará. Porém, quem lhe volta as costas, perde o controle da situação. Se Édipo não solucionasse o mistério, Tebas pereceria em meio a desgraças.

“Ele foi morto: o deus agora determina que os assassinos tenham o castigo justo, seja qual for a sua posição presente. ”

Qualquer crime, mesmo que tivesse acontecido há muito tempo, deveria o seu causador ser punido, pois a justiça é a base da estabilidade, e os antigos a seguiam para obter a ordem.

“A estabilidade que constitui a ordem do mundo chama-se também justiça ou justo (Díke, díke, díkaion). Mas não se trata absolutamente, no caso, de um partilha estritamente igualitária ou proporcional dos bens, dos poderes e das condições. É antes um estado de equilíbrio no qual cada um e cada coisa ocupam um lugar determinado: o justo, a justiça consistem em manter esse lugar, qualquer que seja.”[6]

“ Como teria ousado tanto o malfeitor sem conspirata em Tebas e sem corrupção?”

Édipo considera uma ousadia matar um rei. Porém, matar um homem comum não é tão significante, como ele próprio fez.

“E tentas derrubar-me, exatamente a mim, na ânsia de chegar ao trono com Creonte ! Creio que a purificação desta cidade há de custar-vos caro, a ti e ao teu comparsa! ”

Tirésias havia afirmado que Édipo é o próprio assassino que procurava. Diante disso, Édipo acredita estar sendo insultado, mesmo sabendo da sapiência de Tirésias, e confabula histórias, acreditando até numa suposta traição do amigo em que mais confiava.

“ O arauto e o próprio passageiro me empurraram com violência para fora do caminho. Eu, encolerizado, devolvi o golpe do arauto; o passageiro ao ver-me reagir aproveitou o momento em que me aproximei do carro e me atingiu com um dúplice agulhão, de cima para baixo em cheio na cabeça. Como era de se esperar, custou-lhe caro o feito: no

mesmo instante, valendo-me de meu bordão com esta minha mão feri-o gravemente. Pendendo para o outro lado ele caiu.”

O fato de ter sido empurrado bruscamente para fora da estrada enfureceu Édipo, que atacou os viajantes em defesa própria. Apesar de ter consciência ética de que não se deve atacar alguém, Édipo foi estimulado a reagir conforme suas paixões, o que, ao longo do texto, se torna uma marca do seu perfil psicológico.

“ Ninguém se encoleriza intencionalmente. Ora, a qualificação de bom/mau supõe que aquele que assim julga escolheu agir assim. Um homem não escolhe as paixões. Ele não é então responsável por elas, mas somente pelo modo como faz com que elas se submetam à sua ação. É deste modo que os outros o julgam sob o aspecto ético, isto é, apreciando seu caráter. ”[7]

“ Segundo antigas predições eu deveria matar meu próprio pai; agora ele repousa debaixo da pesada terra e quanto a mim não pus as mãos ultimamente em qualquer arma.(...) De qualquer forma Pôlibo pertence agora ao reino de Hades e também levou com ele as tristes profecias. Não, esses oráculos não carecem todos de qualquer significado.”

Diante da morte natural de Pôlibo, ao invés de Édipo perceber de uma vez por todas que ele era um filho adotivo, ele reacende uma esperança em seu peito de não ser o culpado por terríveis crimes.

“ Não deveria amedrontar-me à perspectiva de partilhar o tálamo de minha mãe? ”

Apesar de duvidar da veracidade do Oráculo e da possibilidade de Pôlibo ter morrido por sua culpa, Édipo ainda não cogita a possibilidade de Jocasta ser sua mãe. Quando ele disse a frase acima, ele se referia a sua mãe adotiva, Mérope.

“A quem aludes? Como? Não penses mais nisto!.. Afasta da memória essas palavras fúteis.”

“ Peço-te pelos deuses! Se inda interessas por tua vida, livra-te dessas idéias!”

Jocasta já está ciente da verdade e pede desesperadamente para que Édipo desista de desvendar o mistério. O que faria Jocasta se conseguisse convencer Édipo a esquecer o assunto? Continuaría casada com ele ou buscaría afastar-se? O exílio, por exemplo?

“ De repente o rei tirou das roupas dela uns broches de ouro que as adornavam, segurou-os firmemente e sem vacilação furou os próprios olhos, gritando que eles não seriam testemunhas nem de seus infortúnios nem de seus pecados.”

“Depois de ter conhecimento dessa mácula que pesa sobre mim, eu poderia ver meu povo sem baixar os olhos? ”

Édipo busca uma espécie de fuga para a escuridão. Quando Édipo não via a verdade, era rei, casado, com filhos e feliz. Ele busca o estado de "não-ver" por vergonha de ser um parricida incestuoso diante de seu povo e de seus filhos-irmãos. Nada mais era belo. A cegueira seria também uma punição.

“Meu infortúnio é tanto que somente eu , e mais ninguém, será capaz de suportá-lo nesta vida!”

“ E tu, Creonte, que agora és pai - apenas tu - destas crianças, pois a mãe delas e eu nada mais somos, ouve: não abandones estas criaturas frágeis, do mesmo sangue teu, à própria sorte!”

Édipo julga-se o único ser capaz de suportar tamanho sofrimento, pois foi predestinado a isso. Ele pretende suportar seu fardo sozinho e pede clemência por seus filhos.

[4] Humanidade e Justiça na historiografia grega (V- I a.C.). Darbo-Peschanski, C. In *Ética*, Cia. das Letras, SP, 1992, p. 39.

[5] LOWEN, A. *Medo da Vida: caminhos da realização pessoal pela vitória sobre o medo*. Summus, 1986.

[6] Humanidade e Justiça na historiografia grega (V- I a.C.). Darbo-Peschanski, C. In *Ética*, Cia. das Letras, SP, 1992, p. 38.

[7] Cenários, Adauto Novaes, in *Ética*, Cia. das Letras, SP, 1992, p. 9.

Curiosidades

Para se perceber a grandiosidade do mito Édipo Rei, escrito por Sófocles, poeta e dramaturgo grego, não é necessário uma erudição profunda a respeito da cultura grega. Entretanto, para se obter uma compreensão mais elaborada e esclarecedora é pertinente evidenciar alguns elementos que estão relacionados à trama.

Mito:

Para os gregos, os mitos representavam fatos verídicos ocorridos no início da criação do mundo que, sobre a interferência dos deuses, se tornavam realidades físicas ou cósmicas. Sob uma visão antropológica, os mitos podem ser compreendidos como instrumentos reguladores da sociedade, já que representavam um forte elemento do “inconsciente coletivo” daquele povo.

Algumas teorias sobre a origem do mito:

1- Teoria Bíblica: de acordo com essa teoria, todas as lendas mitológicas têm sua origem nas narrativas das Escrituras, embora os fatos tenham sido distorcidos e alterados. Assim, Deucalião é apenas um outro nome de Noé, Hércules, de Sansão, Árion, de Jonas, etc.; (Bulfinch, 1965, p.245)

2- Teoria Histórica: por essa teoria, todas as personagens mencionadas na mitologia foram seres humanos reais, e as lendas e tradições fabulosas relativas a elas são apenas acréscimos e embelezamentos surgidos em épocas anteriores; (Bulfinch, 1965, p.245)

3- Teoria Alegórica: segundo essa teoria, os mitos da Antiguidade eram alegóricos e simbólicos e continham alguma verdade moral, religiosa ou filosófica, ou, ainda, algum fato histórico, sob a forma de alegoria, mas que, com o decorrer do tempo, passaram a ser entendidos literalmente; (Bulfinch, 1965, p.245,246)

4- Teoria Física: para essa teoria, os elementos ar, fogo e água foram, originalmente, objetos de adoração religiosa, e as principais divindades eram personificação das forças da natureza. (Bulfinch, 1965, p.246)

Origem da desgraça edipiana :

“Édipo é a grande vítima de uma maldição familiar.” (CARPEAUX, 1976, p.3)
Pai de Édipo e filho de Lábdaco, Laio foi quem primeiro ocupou o trono de seu pai. Quando os usurpadores Anfíon e Zeto tomaram o centro de Cadmo, foi obrigado a refugiar-se na Élide, junto ao rei Pélope. O filho deste, Crisipo, apaixonou-se pelo hóspede, sendo correspondido de imediato. A relação é proibida e Laio, desesperado, rapta o seu amado. Temendo uma repressão paterna, entretanto, Crisipo suicida-se. Para vingar-se desse acontecimento, Pélope amaldiçoa Laio e todos os seus descendentes.

Após a morte daqueles que se haviam apossado do trono de seu pai, Laio retorna a Tebas, deixando para trás a infeliz aventura e casando-se com Jocasta.

O sentido do nome Édipo

Imediatamente após o nascimento de seu filho, Laio, temendo o cumprimento do Oráculo, furou os pés do recém-nascido e ordenou que fosse suspenso em uma árvore. Depois de ser encontrada nas montanhas por pastores que guardavam o rebanho do rei de Corinto, a criança foi levada até a rainha, que, não tendo descendentes, resolveu adotá-la. Como as cordas que atavam os tornozelos do lactente haviam inchado seus pés, a jovem rainha decidiu por chamá-lo de Pé-Inchado, ou melhor, Édipo.

Alguns aspectos da tragédia grega

Nas palavras de J. B. Mello e Souza, as criações do gênio grego significam “a convergência de tantos fatores favoráveis e a execução de uma obra que, por sua imponente beleza, parece ultrapassar o limite das humanas possibilidades”. Dentro de toda essa magnitude, ocupa um lugar avultoso o teatro, que representa a poesia dramática em sua forma definitiva, a tragédia. A origem desse ramo da arte está intrinsecamente ligada à religião. As cerimônias eram presididas por sacerdotes e arcontes, e a reprodução dos episódios da vida do deus gerou a necessidade da cooperação de personagens que dialogavam com os coreutas e os seus líderes, os corifeus. Os assistentes, além de nada pagarem, recebiam ainda uma indenização para assistirem à peça. Todas as despesas

eram encargo do fundo especial mantido pelo governo (o teoricon) ou pagas pelos homens mais abastados, denominados corrégios.

Melpómene:

Foi escolhida entre as nove deusas que formavam o séqüito de Apolo para patrocinar a poesia dramática. Imagina-se ter possuído essa filha de Júpiter um grande fascínio, uma vez que foi citada como fonte de inspiração poética pelos mais belos cantores da Hélade.

Cultura:

A cultura ocidental sempre sofreu forte influência da mitologia grega. Os mitos têm grande importância no desenvolvimento individual e coletivo. Eles são a busca da verdade; são uma tentativa de explicação e compreensão do mundo e dos mistérios da vida. Entre os personagens mitológicos que deixaram esse legado, a figura de Édipo merece destaque especial pelo fascínio e pelas inúmeras interpretações que a obra permite. A peça Édipo Rei certamente é a mais importante e a que mais contém o sentimento trágico entre todas as obras de Sófocles. Dessa forma, como haveria de ser, Édipo Rei deixou inúmeras indicações para novas pesquisas e análises, servindo de inspiração para uma enorme gama de produções artísticas e culturais. Tentaremos, a seguir, fazer uma pequena amostragem do que a cultura, em suas diversas formas, já produziu inspirada no mito de Édipo Rei.

Literatura:

Em 401 a.C. Sófocles escreve uma continuação para a tragédia de Édipo Rei; a obra chama-se Édipo Rei em Colona, que mostra um Édipo proscrito e reduzido à mendicância que Creonte e Polinice tentam apanhar; com efeito, um oráculo promete a vitória àquele que dos dois conseguisse capturá-lo. Porém, com a ajuda de Teseu, rei de Atenas, Édipo consegue fugir, desaparecendo, então, em meio a uma tempestade.

Édipo também aparece, em um contexto diferente, exilado por outros motivos, na peça de Eurípedes, *As Fenícias* (409 a.C.). Em Roma, a primeira das duas tragédias de Sófocles foi imitada por Sêneca (séc. I d.C.) no se *Édipo*.

Durante muito tempo, várias obras foram produzidas com base em *Édipo Rei* sem mudanças profundas, apenas com trocas ou eliminações de personagens ou passagens da trama, e em alguns casos com um certo esforço para a modernização da história. Entre estas obras pode-se citar: *Romance de Tebas* (anônimo, 1149), *Jocasta*, de George Gascoigne (1575); *Édipo*, de Corneille (1659); *Édipo*, de Voltaire (1719); *Édipo em Casa de Admetes* (1778); *Édipo em Atenas*, de Vladislav Ozerov (1804).

No século XIX, com o conhecimento da mitologia grega difundida entre a elite cultural da Europa, principalmente, *Édipo* ganha novas interpretações com *O Édipo Romântico* (1828), de August von Platen, e *Édipo e a Esfinge* (1897), de Peladari.

Todavia, são com as formulações psicanalíticas desenvolvidas por Freud que as variações sobre o mito ganham mais solidez e criatividade, já que os artistas sofreram fortes influências a partir da leitura e interpretação freudiana - fato que conferiu uma roupagem nova ao mito, muitas vezes de forma simplesmente alegórica. Nesse novo paradigma destacam-se: Cocteau, com *Édipo Rei* e *A máquina infernal*, 1927, 1934, respectivamente; Henri Ghéon (*Édipo ou O Crepúsculo dos Deuses*, 1952); Alain Robbe-Grillet (*Lês Gonimes*, 1953); e T.S Eliot (*Fim de Percurso*, 1959).

Ademais, uma obra em especial chama a atenção pela substituição do coração da mitologia grega pelo mundo contemporâneo. É *A Morte de Pitonisa*, de Friedrich Dürrenmatt; nela, o autor mergulha no itinerário interior do personagem principal, que descobre o mecanismo secreto de um destino absurdo, maquinado pela vontade da Pítia de Delfos e pelo misterioso adivinho Tirésias.

Artes Plásticas:

Algumas obras retratam Édipo e outros personagens como uma ânfora do século V a.C., representando Euforbo e Édipo quando criança (Paris). Entretanto, a maioria das obras tem como tema a Esfinge, talvez por se tratar de um elemento que transcende a cultura grega. Algumas delas são: Taça, 430 a.C. (Roma); Ingres, 1808 (Museu Louvre); A Esfinge Decifrada, de Gustave Moreau, 1878 (Paris).

Música: duas obras clássicas têm destaque maior: Stravinski, com Oedipus Rex, ópera-oratória, texto de Cocteau, 1927, e Édipo, o tirano, ópera de Carl Off, 1959.

Cinema: em 1967, Píer-Paolo Pasolini faz uma das poucas adaptações da tragédia para o cinema. Mesmo assim leva à cena um Édipo Rei cujo lirismo despojado produz uma notável versão para o cinema.

Referência Bibliográfica:

SÓFOCLES. Édipo Rei. Tradução: Jean Melville, São Paulo: Martin Claret, 2002.

Relação Mãe e Filho

O Complexo de Édipo[8] é marcado por um conflito interno do filho em relação à atração física sentida pela mãe e a disputa de atenção com o pai[9]. Este momento da infância[10] é muito importante para a formação da personalidade, e daí partirá um molde de como será o relacionamento do rapaz com o sexo oposto. Apesar de inconsciente, o Complexo de Édipo exige sua satisfação. Ora, conscientemente repelimos com todas as forças o parricídio e o incesto. Porém, inconscientemente acabamos por refletir o que condenamos no consciente, podendo gerar em nós um forte sentimento de culpa.[11]

Vejamos como acontece o Complexo de Édipo na infância: nos meninos, tal complexo resulta na proibição do incesto e no medo da castração. Isso o faz postergar seu desejo por sua mãe, mas permite o acesso posterior às mulheres do mundo. Aparece a identificação e rivalidade com o pai e intensifica-se a questão de ser homem e sustentar este lugar (o lugar do possuidor do falo). O Complexo de Édipo nas meninas inicia-se com a pergunta sobre qual a razão de a mamãe não ter o falo.

Ela começa a perceber a diferença de gênero entre os seres humanos.[12] Ela também vai postergar esse desejo pelo pai e vai ter que se virar (como os meninos) com a proibição do incesto, embora permita seu acesso posterior aos homens. Isso a leva a identificar-se, a rivalizar com sua mãe e a colocar em primeiro plano a questão de ser mulher. Com a aquisição do complexo de castração, os meninos e meninas fazem uma grande conquista no seu mundo psíquico: estruturam seu inconsciente, instância onde vão poder guardar todos os seus desejos incestuosos e proibidos.

Essa aquisição é importante porque a menina, através do amor edípico a seu pai, terá acesso e desejo pelos homens e o menino, devido ao amor edípico pela sua mãe, irá adquirir amor e interesse pelas mulheres. Para que o Complexo de Édipo seja resolvido[13] cabe à mãe manter com muito amor uma relação saudável com o seu filho, evitando beijá-lo na boca, carinhos mais íntimos ou deixá-lo adormecer na sua cama. Passar por essa fase é comum na infância. Porém, deixá-la prosseguir poderá levar a distúrbios mais sérios.

Às vezes a mãe, por carência afetiva e frustração amorosa, é levada a ver no filho a possibilidade de resgatar tudo que não teve ou mesmo perdeu. Quando é o caso de filho único, essa relação de transferência afetiva pode fazer com que este fique marcado por toda a vida, o que poderá afetar o seu desempenho sexual com outras mulheres. É preciso que a mãe tenha consciência do seu papel ativo na formação de personalidade dos seus filhos e a partir disso saiba dosar o carinho e a atenção de maneira tal que estes cresçam sem traumas[14] ou dificuldades em se relacionar com o sexo oposto.

[8] O Complexo de Édipo é uma teoria freudiana caracterizada como uma fase do desenvolvimento psicológico infantil, mas que pode conduzir a perturbações, que, caso não sejam tratadas, se traduzem mais tarde, na idade adulta, em perturbações neuróticas.

[9] Representante da proibição com reais ou supostas ameaças de castração.

[10] A idade de 3 a 6 anos é muito particular, pois a criança constitui a sua identidade sexual (masculina ou feminina) neste período, a que chamamos de Complexo de Édipo.

[11] Uma das origens do sentimento de culpa está justamente no conflito entre o desejo incestuoso e o parricídio, e a proibição destes, que é assegurada de nossa parte. Mais precisamente, parte do nosso próprio eu, que foi modificada e permanece como guardiã da moral. Freud chamou essa instância psíquica de superego. Assim, o conflito entre o ego e o superego gera o que conhecemos como sentimento de culpa.

[12] Se a mãe não tem, ela o perdeu? Mas a menina verifica que o pai dá a mãe o falo sobre a forma de filhos e possivelmente pode dar a ela também. Isto intensifica suas relações com o seu pai.

[13] A forma como a criança estrutura seu aparelho psíquico levará à existência de três tipos de estruturas clínicas: a) a neurose: a pessoa aceitou a existência de uma possibilidade de castração simbólica e estruturou um inconsciente, tendo mais facilidade de conviver com o mundo social; b) a perversão: a pessoa teve dificuldade de aceitar a castração simbólica, e para isso tenta muitas vezes burlar a lei e as normas sociais; c) a psicose: a pessoa não teve acesso ao complexo de castração simbólico e por isso sua estruturação com o sujeito tornou-se dificultada, pois não pode contar com o inconsciente, o que dificulta o processo de lidar com a realidade.

[14] “A visão freudiana do desejo humano vincula-se sempre ao dever. A existência humana é conflituosa por envolver estas duas vertentes opostas: o desejo e a moral. Quando estes se chocam, percebemos o nascimento das neuroses.” (Revista Ciente-fico.

com Ano 1, v. 1. Janeiro-julho de 2002. Psicologia e Filosofia, interface e interdisciplinaridade.)

Moral da Historia

“(…) por mais seguro que um homem possa se sentir, mesmo sendo rico, poderoso e afortunado, ninguém pode se sentir seguro de escapar de um desastre; não é seguro chamar qualquer pessoa de feliz deste lado do túmulo.”[15]

O que teria sido para ÉDIPO a felicidade? Seus dias de glória como rei fizeram dele um homem jubiloso! Suas lutas, seu poder, a condição de assumir o mais alto patamar da hierarquia da nobreza tebana, sua esposa (assim pode-se inferir que não sentira solidão), seus filhos (uma dádiva da “natureza” na vida de qualquer homem), seu “povo”. ÉDIPO fora feliz enquanto reinava... Mas teria ele percebido tal estado de espírito a envolver-lhe a alma?

Durante a vida notamos que o ser humano, assim como o mundo, é paradoxal, ou seja, depois do dia vem a noite, depois do sol vem a chuva, depois do sorriso vem o pranto, depois da vida vem a morte... É necessário que admitamos as adversidades e reconheçamos que sem o paradoxo é impossível estarmos bem diante de nós mesmos e diante dos demais seres que a nossa volta se encontram.

Sófocles, através de sua tragédia ÉDIPO Rei, coloca o ser humano no centro de tudo. Seu herói é aquele que questiona, debate e busca razões, estabelecendo uma antítese entre vontade humana e disposições do destino[16]. Em toda a trama percebemos que ÉDIPO procura a verdade. Para ÉDIPO, a dura punição do destino fez-se cumprida quando toda a sua vida “desmoronou” e ele finalmente sentiu o “inferno” a dominar-lhe o ânimo. Toda vitória, todos os anos de “luzes” para o grande rei foram apagados. Os deuses mostraram a ÉDIPO o lado negro que ele não conhecia.

A principal idéia do mito, revelada no final, que podemos chamar de “moral da estória”, é que não se pode afirmar que nenhum homem é feliz até que este tenha cumprido toda a sua “sentença”, até que a sua vida tenha terminado. E este conceito de felicidade não pode ser avaliado sozinho, ou seja, só podemos medir a prosperidade da vida de Édipo, como rei de Tebas e esposo de Jocasta, quando comparamos com a desgraça em que este se depara no final da trama. Bem como a profunda tristeza, não podemos afirmar que é eterna quando não acompanhamos em “Édipo” o fim da sua história.

[15] <http://www.mundodosfilósofos.com.br/edipo.htm>

[16] MENEZES, JEX. Mestrado em ciência da família – Artigo, UCSal (Universidade Católica do Salvador).

Letra

A lenda Édipo Rei, de Sófocles, conta a trágica história do príncipe de Corinto, Édipo, que teve seu destino traçado após receber uma previsão do Oráculo de Delfos, o qual previu que ele estava destinado a matar o seu pai e a casar-se com sua mãe. A tragédia começa em uma encruzilhada onde Édipo se encontra com uma carruagem, e ao desentender-se com o arauto envolve-se em uma briga e acaba por matar todos ali presentes. Para seu desgosto, um dos homens por ele assassinado era o rei de Tebas, Laio, seu verdadeiro pai. Após decifrar o enigma da Esfinge, salvando Tebas, Édipo é proclamado rei e casa-se com Jocasta, viúva de Laio e sua verdadeira mãe. Após ter descoberto quem seriam seus verdadeiros pais, Édipo desespera-se e fura seus próprios olhos, condenando-se a uma eterna cegueira.

O mito de Sófocles foi auxiliar nos estudos de Freud sobre uma fase do desenvolvimento da infância humana. “ Freud viu nesta lenda o modelo de um conflito fundamental do homem: a representação do desejo sexual inconsciente e universal de cada filho pela mãe e da conseqüente rivalidade em relação ao pai”. 1 Segundo essa teoria freudiana, essa

fase infantil pode vir a acarretar, já em fase adulta, problemas neuróticos, necessitando, inclusive, de tratamento psicológico. É, pois, necessário que se entenda essa teoria a fim de compreender a estruturação da personalidade e da sexualidade humana.

Denominando essa teoria de Complexo de Édipo, Freud observa que, no mito, o envolvimento de Édipo com sua mãe e o assassinato de seu próprio pai, mesmo sem seu conhecimento, vêm traduzir, psicologicamente, o que é, na verdade, recalcado no inconsciente humano. “Freud evoca a tragédia “Édipo Rei”, de Sófocles, como forma de sustentação às teorizações e resultados que vinha obtendo na clínica”. 2

Segundo Freud, o Complexo de Édipo ocorre na época em que a criança está vivendo a sua fase fálica, “durante a qual os genitais têm uma sensibilidade especial, substituindo as fases anteriores, oral e anal. Nesta faixa etária, a criança tem consciência e muita curiosidade a respeito dos órgãos genitais e das diferenças entre os sexos (...)”. 3 O Complexo de Édipo é caracterizado por sentimentos amorosos do menino em relação à sua mãe, o que vem gerar, na criança, uma rivalidade em relação ao seu pai. Nessa fase, a criança passa por momentos conflituosos, em que se divide entre a afetividade que sente pelo pai e a rivalidade que este vem a oferecer-lhe. Durante esses conflitos, segundo a teoria psicanalítica de Freud, a criança, de maneira inconsciente, passa por um processo de identificação, onde ela incorpora e se comporta seguindo o comportamento do seu pai.

“A denominação Complexo de Édipo não quer dizer que se considere este conflito em sua forma adulta, mas em sua visão enfraquecida e reduzida, própria da infância. Antes de tudo quer significar, apenas, que as solicitações de amor da criança com o pai e a mãe, e à medida que estas solicitações tiverem atingido certa intensidade, a ponto de defenderem com ciúmes o objeto visado (...)”.4

Na realidade, o Édipo do mito de Sófocles não pode ser um exemplo do Édipo de Freud, pois ele não sofreu o Complexo de Édipo, uma vez que não foi criado por seus pais verdadeiros. Por que Édipo não desejou a sua mãe de criação 5, já que foi ela a imagem que ele teve como mãe a vida toda ? Teria o modo de sua criação influenciado na não-

ocorrência do Complexo de Édipo? Édipo de Sófocles seria um exemplo perfeito do Complexo de Édipo freudiano se ele tivesse desejado a sua mãe substituta ou tivesse sido criado por Jocasta, sua verdadeira mãe, e Laio, seu verdadeiro pai, mesmo assim, ao saber disso, tivesse realizado toda aquela tragédia.

A previsão do Oráculo relatada, de que Édipo mataria o pai (sinal de rivalidade entre pai e filho) e casaria com a mãe (sinal de atração do filho pela mãe), é que foi o fundamento de Freud na elaboração de sua teoria.

Em suma, “A história da fantasia de Édipo é especialmente interessante porque nos ensina muito sobre o desenvolvimento das fantasias inconscientes em geral”. 6

1 Trecho extraído do site: (<http://www.portugal-linha.pt/arteviver/complexo.htm>). Escrito por: Gia Carneiro Chaves.

2 Trecho extraído do site: (<http://www.psicologianarede.hpg.ig.com.br/psi/complexo.htm>)
Escrito por: Lídia Puccetti Emydio

3 Trecho extraído do site:
<http://planeta.terra.com.br/saude/montardo/desenvolvimento/eedipo.htm>

4 Jung, C.G. Freud e a Psicanálise. v. 4, 1ª ed., Vozes, p.155.

5 A mãe adotiva de Édipo chamava-se Mérope.

6 Jung, C.G. Freud e a Psicanálise. v. 4, 1ª ed., Vozes, p. 158.

O humanismo em Édipo Rei

Ésquilo(525-456 a.C.), Eurípedes(480-406 a.C.) e Sófocles formavam um triângulo da literatura grega durante o Período Arcaico[1]. O primeiro destes tinha uma perspectiva positivista relacionada à crença nos deuses; já o segundo, mais pessimista, apresentava-se cético ao comportamento religioso do ser humano. Podemos dizer que Sófocles foi o

mais antropocêntrico dos três: ele acreditava no homem, seu herói que, num equilíbrio entre fantasia e realidade, era capaz de contornar as dificuldades.

Édipo Rei é um ótimo exemplo para demonstrar a profundidade do humanismo desse autor, e um dos seus principais reflexos nessa obra é que, à medida que se lê, mais se percebe que ela não responde aos questionamentos sugeridos e levantados por ela mesma, deixando para o próprio leitor esta "tarefa", este enigma e por que não dizer, esta autoconfrontação. O texto abrange um "leque" de diferentes abordagens teóricas que poderiam ser divididas em três etapas, pois cada uma incita uma emoção, uma expectativa nova no leitor. Sendo assim, do início ao fim da obra de Sófocles podemos encontrar: política, democracia, fé, amizade, confiança, admiração, justiça; traição, pretensão, busca e encontro da verdade, confronto com o destino, decepção; incesto, assassinato, suicídio, desespero, autoflagelação, tragédia.

Sófocles consegue mesclar verdade e fantasia, sorrisos e lágrimas, entusiasmo e terror, estória e história[2] projetando na platéia uma profunda identificação com a obra, estabelecendo uma relação entre esta e a realidade da outra, cruzando intensas emoções, culminando numa catarse. Nesse universo de uma lógica dinâmica que é a obra Édipo Rei, seria interessante provocarmos sobre alguns pontos.

Sófocles mostra-nos em seu mito um rei democrático, embora seu texto trate de uma tragédia. Deve-se ressaltar que esta não podia ser apenas política, posto que na Grécia apenas a minoria da sociedade era considerada cidadã. Em que contexto ele escreveu isso? Qual seria a sua opinião sobre a democracia? Estaria Sófocles sendo irônico quando cria um rei humano, democrata? E por que fazer da vida desse rei tão bom uma tragédia?

Outra curiosidade de Édipo Rei é o fato de que o vilão e o herói estão no mesmo personagem, e neste se concentram as melhores virtudes e os piores pecados. Édipo vivia no mundo das aparências, da verdade limitada e enganadora aliado ao seu orgulho e à sua pretensão, ou seja, alvo de uma cegueira atuante. Ao ser revelada sua identidade, Édipo perde no âmbito coletivo o estado de soberania, o respeito, a admiração e a confiança de

seu povo, transformando-se em um desterrado; e na esfera individual presencia a destruição do seu círculo familiar. Invertem-se seus papéis: de filho torna-se parricida e de amante, um incestuoso. O protagonista, então, aponta a cegueira física como resolução para seu conflito. Porém, este ato de Édipo seria sua punição ou sua salvação? Seria a cegueira uma tentativa inconsciente de voltar a um estado de "não-ver" ou a demonstração da fraqueza humana diante da verdade insuportável?

A fuga[3] foi um elemento que compareceu por três vezes no mito sempre relacionada aos seguimentos de condutas e de moral (ética): a primeira fuga deu-se no momento em que Jocasta e Laio fogem da predição do Oráculo, abandonando o seu próprio herdeiro; a segunda foi quando Édipo foge de seus pais adotivos, temendo o seu destino; e a terceira é representada pela própria cegueira final de Édipo, numa tentativa de fugir da realidade. No entanto, um fato importante é que em nenhuma das fugas houve êxito, pois Jocasta, Laio e Édipo, ao tentarem escapar de seus destinos, chegaram cada um ao seu, só fizeram mudar o caminho. Fica aqui a seguinte pergunta: a força de desejo dos indivíduos sempre se contradiz às normas da ética?

[1] (750 a.C. – 480 a.C.): um período brilhante para um mundo grego. Época na qual houve um aumento populacional e um desenvolvimento do comércio e cultural, destacando-se a filosofia e a literatura. Filosoficamente este período é denominado pré-socrático.

[2] As tragédias gregas tratavam de temas encontrados na história da sua sociedade e que faziam parte de seu acervo cultural, antes apresentadas de forma oral e depois passadas para a forma escrita. Exemplo de Édipo, que também foi tratado por Sêneca.

[3] Fugir 1 Pôr-se em fuga; afastar-se rapidamente para evitar perigo, incômodo ou alguém: "Mas tu, ó homem de Deus, foge destas coisas" (1ª Epístola de S. Paulo a Timóteo, 6,11, trad. do Pe. Matos Soares). "Fugindo as ninfas vão por entre os ramos" (Luís de Camões). vint 2 Mil Retirar em debandada: Fugiam os batalhões. vint 3 Ir-se afastando, ir-se perdendo de vista: Do convés do navio víamos a terra fugir. vint 4 Passar

rapidamente: Como fogem as horas! vti 5 Apartar-se, desviar-se, afastar-se: Convém fugir aos (ou dos...) maledicentes. vti 6 Soltar-se, escapar-se: Nem um gemido fugiu de seus lábios. vint 7 Escorregar; fugir o pé. vti 8 Não ocorrer oportunamente: Quis responder, mas fugiram-me as palavras. Vtd 9 Evitar, afastar-se de: "Parecia-lhe que todos o fugiam, todos o amaldiçoavam" (A. F. de Castilho) Fugir a luz dos olhos, ou fugir o lume dos olhos: atrapalhar-se, perturbar-se a vista. Fugir com o corpo: desviá-lo de golpe, pancada etc. Fugir do mundo: a) afastar-se da sociedade; procurar a solidão; b) morrer.

Sobre

BRANDÃO, J. Mitologia Grega. Ed. Vozes, 1998.

BULFINCH, T. O livro de Ouro da Mitologia. Ed. Tecnoprint, 1965.

CARPEAUX, O.M. Édipo Rei de Sófocles. Abril Cultural, 1976.

CLARET, Martin (Coord. Editorial). O pensamento vivo de Freud. 4ª ed. São Paulo: Martins Claret Editores, 1986.

DARBO - PESCHANSKI, Catherine. Humanidade e Justiça na Historiografia Grega. (V – I a.C.). Ética. p.35.

DIEL, P. El Simbolismo en la Mitología Griega. Ed. Labor, 1976.

Enciclopédia Barsa. v. 11. RJ/SP: Encyclopaedia Britannica Editores Ltda., 1978.

Enciclopédia Colorama Universal Ilustrada. v.4. São Paulo: Arnoldo Mondador Editora, 1970. p. 754.

Enciclopédia Delta Universal. v.7, 10 e 13

Enciclopédia Mirador – Internacional, 1986, SP, v.19, p.10543.

JUNG, C.G., Freud e a Psicanálise, v.4, Vozes, 1954.

LAPLANCHE e PONTALIS. Vocabulário de Psicanálise. Martins Fontes.

LOWEN, Alexander. Medo da Vida . Summus Editorial, 7ª ed., 1986, SP.

LORAUX, Nicolau. “ A Tragédia Grega e o Humano”. In Ética Cia. das Letras, 1999, pp. 17/34.

MEUNIER, M. Nova Mitologia Clássica. Livros que constroem, 1976.

NOVAES, Adauto (org). Ética. Cia. das Letras, 1999, SP.

SÓFOCLES. Édipo Rei in: Trilogia Tebana.

XAVIER DE MENEZES, José Euclimar. Fábrica de Deuses: A Teoria Freudiana da Cultura. São Paulo: Unimarco Editora, 2000. Cap. 1. pp. 222 – 237.

XAVIER DE MENEZES, José Euclimar. Complexo de Édipo: Versão Psicológica do Mito. Artigo (Mestrado em Ciências da Família) – Universidade Católica do Salvador. In:<http://www.natopsi.hpg.ig.com.br/saude/12/index-int-9.html>

Sites

<http://www.paieda.hpg.ig.com.br/sófocles/antigona.htm>

www.psicologianarede.hpg.ig.com.br/psi/complexo.htm

www.terra.com.br/voltaire/artigos/freud.htm

<http://users.linkexpress.com.br/mmm/psicologia/freud>

www.service-public.com/complexe/rio/part4/08.htm

www.geocities.com/ail_br/detebasaalfama.htm

www.geocities.com/Athens/4539/edipo.html

www.burburinho.com/nn020414.html

www.uma.pt/publicacoes/FORUMa/200207_A2N4/edipo.html